

# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

## Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

- Alice Joko • Rita de Cássia Soares
- Vera Augusto • Yuko Takano

lters Student Center  
Académie des Lettres  
Cion Estudiantil de Letras  
to Acadêmico de Letras  
文学 學術  
センター



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

EDITORA



UnB



**Universidade de Brasília**

**Reitora**  
**Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura  
Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora**

Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial**

Germana Henriques Pereira (Presidente)  
Fernando César Lima Leite  
Ana Flávia Magalhães Pinto  
César Lignelli  
Flávia Millena Biroli Tokarski  
Liliane de Almeida Maia  
Maria Lidia Bueno Fernandes  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Roberto Brandão Cavalcante  
Sely Maria de Souza Costa  
Wilsa Maria Ramos



# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

---

## Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

**Alice Tamie Joko**

**Rita de Cássia da Silva Soares**

**Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto**

**Yuko Takano**



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Coordenadora de produção editorial**

**Revisão**

**Diagramação**

**Foto de capa**

**Equipe editorial**

Marília Carolina de Moraes Florindo

Alice Tamie Joko, Rita de Cássia Soares,  
Vera Lúcia Augusto e Yuko Takano

Laissa Reis

René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)

E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
desta publicação poderá ser armazenada ou  
reproduzida por qualquer meio sem a autorização  
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

---

D536

Diálogo linguístico : Ocidente e Oriente / organizadoras, Alice  
Tamie Joko ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de  
Brasília, 2021.

368 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

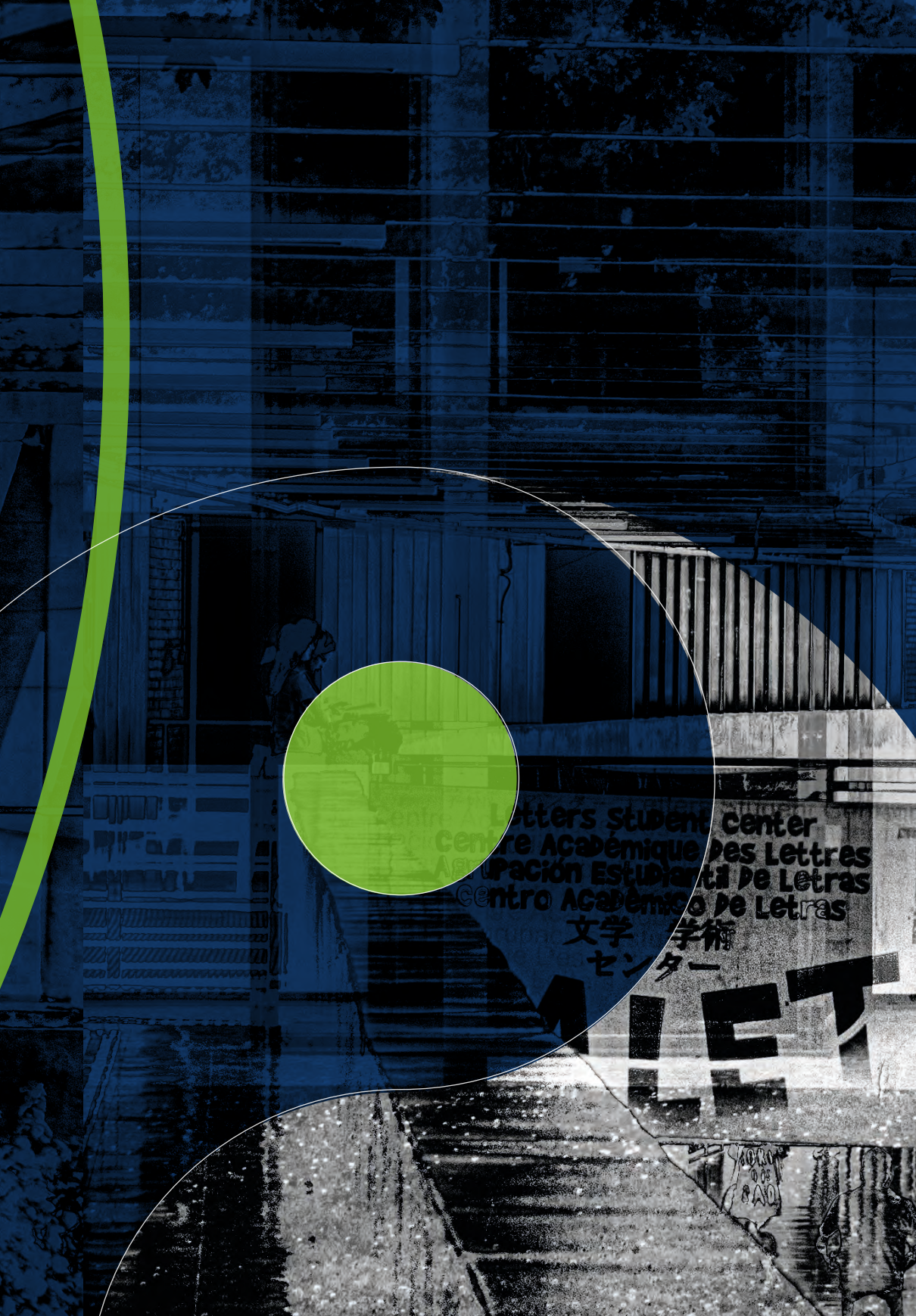
ISBN 978-65-5846-143-2

1. Sociogeolinguística. 2. Língua japonesa - Estudo e ensino.  
3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Joko, Alice Tamie  
(org.). II. Série.

CDU 81'28

---





Lettres Student Center  
Centre Académique des Lettres  
Asociación Estudiantil de Letras  
Centro Académico de Letras  
文学 学術  
センター

1151

SOCIÉTÉ  
D'ÉTUDES  
DE LA  
SAO

# SUMÁRIO

---

**Apresentação** \_\_\_\_\_ 11

## **PARTE I - OCIDENTE**

**Mapeamento geossociolinguístico da vogal média posterior  
pretônica /o/ no Estado de Rondônia** \_\_\_\_\_ 25

Abdelhak Razky (UnB)  
Diego Coimbra (UFPA)

**Contribuições da sociogeolinguística para o ensino de língua  
portuguesa: propostas de intervenção para a educação básica** \_53

Adriana Cristina Cristianini (UFU)



**Crenças e atitudes: vencendo o preconceito e construindo empatia linguística**\_\_\_\_\_73

Clézio Roberto GONÇALVES (UFOP/CNPq)  
Josane Moreira de OLIVEIRA (UEFS/UFBA)

**Amuleto, figa, patuá...: um estudo de sociogeolinguística**\_\_\_\_\_95

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

**Tagarela, falador e papagaio: linguagem e interação nas variações do português**\_\_\_\_\_115

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

**Escolhas lexicais e ensino de línguas: anseios e possibilidades**\_\_\_\_139

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

**Um estudo geolinguístico no Estado de Goiás**\_\_\_\_\_161

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

**PARTE II - ORIENTE**

**O uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos na Casa Verde em São Paulo e as suas questões linguísticas**\_\_\_\_\_179

Eduardo Nakama (UnB)  
Yûki Mukai (UnB)



**Uma nova abordagem de ensino do curso de japonês no Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho – CILSOB – percepções de um professor sobre o processo**\_\_\_\_\_219

Geanne Alves de Abreu Morato (SEEDF)

Hélder Gomes Rodrigues (SEEDF)

**(Im)polidez, saudações e formas de tratamento: dificuldades de aprendizagens de português LE**\_\_\_\_\_261

Kazue Saito M. Barros (UFPE/CNPq)

Alice Tamie Joko (UnB)

Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)

**TCC do Curso de Licenciatura em Japonês: um olhar no passado e reflexões**\_\_\_\_\_283

Kyoko Sekino (UnB)

**O nordeste asiático como área de convergência linguística: a língua japonesa em seu contexto regional**\_\_\_\_\_315

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

**Diálogos possíveis: áreas que se convergem para os estudos do falar nipo-brasiliense**\_\_\_\_\_337

Yuko Takano (UnB)

**Posfácio**\_\_\_\_\_361

**Os Autores**\_\_\_\_\_363



# PARTE I - OCIDENTE

---





# MAPEAMENTO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO DA VOGAL MÉDIA POSTERIOR PRETÔNICA /O/ NO ESTADO DE RONDÔNIA

---

Abdelhak Razky (UnB)

Diego Coimbra (UFPA)

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo visa descrever o comportamento da vogal média /o/ em posição pretônica a partir do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico de Rondônia– ALiRO, centrando sua análise na distribuição geográfica, bem como na influência dos fatores sociais controlados. Buscou-se, ainda, realizar uma macroanálise da vogal em escopo – não levando em consideração o efeito dos fatores fonológicos internos –, a fim de priorizar a descrição do contínuo variacional da vogal média pretônica /o/. O principal objetivo é a apresentação de cartas linguísticas acompanhadas de uma análise geossocial integrada ao conceito de agrupamento<sup>1</sup> (RAZKY, 2013; RAZKY; GUEDES, 2015; RAZKY; COIMBRA; COSTA, 2017). As frequências obtidas para

---

<sup>1</sup> Neste estudo, não se buscou fazer o mapeamento dos agrupamentos, apenas a explanação textual e de infográficos.

cada uma das variantes encontradas (*alçamento* e *manutenção*)<sup>2</sup> são dispostas em cartas fonéticas.

Diante disso, analisou-se a variação de /o/ pretônico seguindo as orientações metodológicas da Geossociolinguística (RAZKY, 1998; 2004; 2010), buscando documentar os aspectos fonéticos característicos do português falado no estado de Rondônia. A proposta de análise é inédita pelo fato de ser o primeiro trabalho a usar o banco de dados do ALiRO acerca da vogal em análise e o primeiro a mapear a vogal média /o/ em um projeto de atlas estadual em curso. Ademais, este estudo fornece resultados acerca das vogais médias pretônicas no português falado no estado de Rondônia, contribuindo para ampliação do conhecimento acerca dessa temática tanto do ponto de vista espacial quanto social.

Por fim, para melhor situar o trabalho, procurou-se, ainda, apresentar, brevemente, os rumos da Dialetoлогия moderna, o impacto da perspectiva pluridimensional e/ou geossociolinguístico sobre os estudos dialetais, além da seleção de uma literatura pertinente sobre as vogais médias em posição pretônica do português falado na região Norte do Brasil.

## 2. O ESTADO DE ARTE DA LITERATURA EM ESCOPO

### 2.1. HORIZONTES RECENTES DA DIALETOLOGIA

A Dialetoлогия tradicional – ou horizontal – tinha como principal objetivo demonstrar a variedade fonético-fonológica, semântico-lexical e/ou morfossintática de determinada área geográfica, despreocupando-se, na maior parte de sua produção científica, com aspectos diastráticos. No final da segunda metade do século XIX, Gilliéron e Edmont elaboraram o *Atlas Linguistique de la France–ALF*, sendo esse considerado o atlas linguístico

---

<sup>2</sup> Considera-se, neste estudo, *manutenção* como sendo a forma invariável da vogal média posterior /o/ em posição pretônica.

que iniciou a tradição dialetológica na Europa<sup>3</sup> por sua sistematicidade na recolha e tratamento de dados. No entanto, não houve controle de estratificação dos informantes (sexo, faixa etária, profissão, escolaridade etc.), embora se saiba que havia preferência por informantes mais velhos, menos escolarizados e que residiam na zona rural da França por serem considerados portadores de um dialeto mais “puro”<sup>4</sup> (CARDOSO, 2010).

A partir de 1960, “os estudos geolinguísticos tomaram uma nova orientação, pois passaram a inserir alguns pressupostos metodológicos da Sociolinguística, agregando ao fator diatópico variáveis sociais” (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p. 894). A Dialetologia moderna constitui um rompimento com a Dialetologia horizontal, pois a primeira passa a analisar a variável geográfica concomitantemente com aspectos referentes à dimensão social em que o falante se insere.

Essa nova linha de análise da Dialetologia tomou forma com a Dialetologia Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996), a qual sistematiza os aspectos do eixo horizontal (Dialetologia) com os aspectos do eixo vertical e diagonal (Sociolinguística). O produto desse intercruzamento de eixos é uma gama de possibilidades de aplicação metodológica que visam descrever e explicar, com maior precisão, fenômenos de diferentes naturezas linguísticas.

No Brasil, a elaboração, em 1996, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB contribuiu para o que Mota e Cardoso (2006) denominaram de *quarta fase dos estudos dialetais*. O Projeto ALiB constituiu uma metodologia rígida de recolha de dados, a qual exerceu influência sobre grande parte dos estudos dialetais que o sucederam. A exemplo disso,

---

<sup>3</sup> Embora a primeira tentativa de elaboração de um atlas linguístico seja atribuída a Wenker, a fragilidade metodológica do Atlas Linguístico da Alemanha, publicado em 1881, fez com que fosse considerado um estudo de pouca confiabilidade.

<sup>4</sup> Acreditava-se que os falantes que residiam na zona rural possuíam um dialeto em sua forma mais pura (ou mais próxima da forma original) devido ao fato de seu dialeto não ter sido “corrompido” pelos falares urbanos. Ademais, evitavam-se informantes com alto grau de escolaridade, pois assumia-se que esses informantes possuíam seu dialeto modificado pela escrita literária.

têm-se os atlas regionais, bem como teses, dissertações e artigos que seguiram a mesma linha de investigação. A metodologia do ALiB, que foi aplicada em diferentes projetos de atlas linguísticos, permite que sejam elaborados estudos comparativos entre esses atlas, a fim de se estabelecer características interdialetais entre diferentes espaços geográficos.

Ademais, a forma de cartografar a variação linguística ganhou uma dimensão eletrônica com a publicação, em 2004, do primeiro atlas digital do Brasil, o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA*, o qual influenciou a maneira de organizar, armazenar e disponibilizar dados dialetais que deram forma à elaboração da maquete do GeoLin<sup>5</sup>, ainda em teste, e do programa SGVCLIN (ROMANO *et al.*, 2014), já utilizado por dialetólogos.

A partir dessa nova acepção da Dialetoлогия brasileira, a elaboração de isoglossas vem mostrando suas limitações devido às grandes mudanças sociais no Brasil que culminaram em grandes movimentos populacionais, uma grande concorrência no setor de transporte público e transporte aéreo, além da descentralização de oportunidades de trabalho e empreendimento.

Essa nova dinâmica migratória e mobilidade de recursos humanos provocaram mudanças importantes no âmbito da competência variacional dos falantes, pois influenciaram no desenvolvimento de uma competência bidialetal e pluridialetal dos falantes da primeira geração dos imigrantes, a qual influiu sobre a competência dialetal das gerações subsequentes. O resultado disso é a presença de uma significativa variabilidade linguística no mesmo espaço geográfico em termos de agrupamentos dialetais (RAZKY, 2010).

Havia, portanto, uma competência geolinguística local e uma competência sociolinguística com estratificações geográficas e sociais homogêneas que permitiam traçar isoglossas significativas para a Dialetoлогия tradicional. Com a dinamicidade dos movimentos populacionais, essa competência linguística monodimensional cedeu espaço para uma competência geossociolinguística complexa que reflete a complexidade de cada falante e de cada comunidade linguística. Por isso, a

---

<sup>5</sup> Razky e Rodrigues (2019, no prelo).



noção de agrupamento, seja ele lexical ou fonético, torna-se uma resposta viável para dar conta da complexidade variacional.

O conceito de agrupamento lexical vem acompanhando essa mudança em curso do léxico que, por sua vez, é fruto de uma mobilidade geográfica dos falantes e do acesso ao universo lexical do outro, através dos meios de comunicação. Além disso, o fluxo de interações verbais, fruto de redes de comunicações complexas, vem quebrando o paradigma de isolexias ou, pelo menos, o colocando dentro de um conceito do contínuo linguístico bem conhecido dos estudos sociolinguísticos (RAZKY, 2013, p. 263).

A noção de agrupamento lexical, que se aplica também à variação fonética, deu aos estudos geossociolinguísticos uma compreensão maior acerca dos fenômenos linguísticos, uma vez que “o conceito de agrupamento lexical responde assim a essa dinâmica linguística que outros pesquisadores conseguiram identificar no contexto de uma dialetologia pluridimensional” (tradução nossa)<sup>6</sup>. A noção de agrupamento está, aos poucos, substituindo o conceito de isoglossas, buscando preencher a lacuna teórico-metodológica no que concerne às mudanças sociais no Brasil que refletem diretamente em configurações diatópicas complexas e que necessitam de olhar exploratório quanto à interpretação dos dados dialetais.

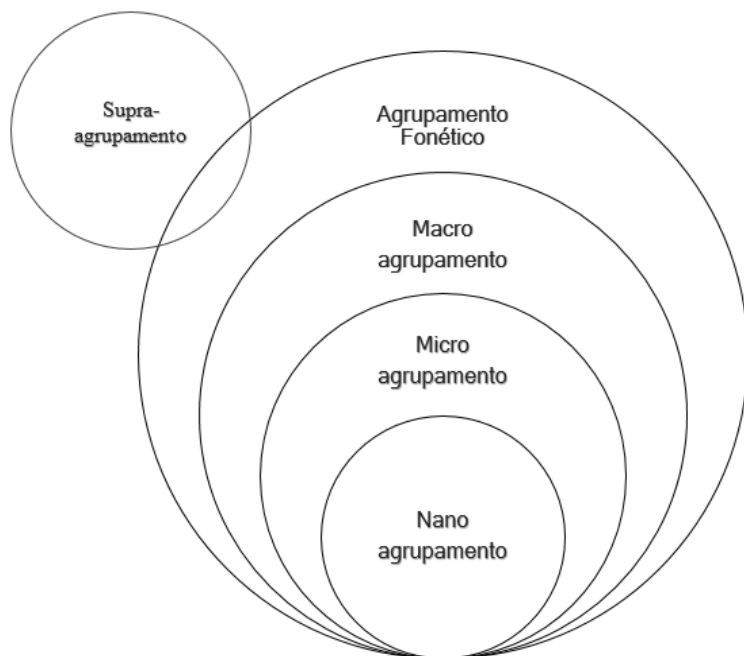
A utilização de agrupamentos, como mostra o *Gráfico 1*, permite delinear uma tipologia em *macroagrupamentos*, *microagrupamentos*, *nanoagrupamentos* e *supra-agrupamentos* (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019). *Macroagrupamento*, dentro de um atlas estadual, diz respeito a uma variante linguística presente em um conjunto de localidades pertencentes a mais de uma microrregião do estado; *microagrupamento* se refere à ocorrência de uma variante lexical ou fonética em um conjunto de localidades dentro de uma microrregião; um *nanoagrupamento* é a

---

<sup>6</sup> “le concept de regroupement lexical répond ainsi à cette dynamique linguistique que d’autres chercheurs ont pu dégager dans le cadre d’une dialectologie pluridimensionnelle” (RAZKY; GUEDES, 2015, p. 161)

presença de uma variante em poucas localidades pertencentes a uma microrregião; e o *supra-agrupamento*, por sua vez, é uma manipulação do conjunto das variantes de uma localidade, selecionando apenas as variantes mais produtivas em cada uma delas.

**Gráfico 1:** Agrupamentos fonéticos



Essa tipologia é capaz de responder à complexidade da variação em dado espaço geográfico. Quando se aplica uma metodologia geossociolinguística, em que há uma estratificação social, obtêm-se resultados mais complexos do que na aplicação de metodologias da Dialetoleologia tradicional. Assim, ao invés de traçar isolexias ou isofonias, desenham-se linhas que se inter cruzam para mostrar contornos fonéticos ou lexicais com configurações diatópicas ou diastráticas mais complexas.

## 2.2. UMA AMOSTRA DE ESTUDOS DIALETAIS SOBRE AS VOGAIS PRETÔNICAS

O comportamento da vogal média pretônica tem sido objeto de estudo de vários especialistas. Podem-se citar os trabalhos de Nascentes (1953), Silva Neto (1963), Câmara Jr. (1977), Bisol (1981) e Callou e Leite (1991) como sendo estudos clássicos acerca dessa temática.

Segundo Aragão (2009, p. 2250), o motivo pelo qual as vogais pretônicas têm despertado interesse de estudiosos da área é devido ao “fato de que as pretônicas são consideradas uma das marcas mais importantes para a divisão dialetal do Brasil. Nascentes usou este critério para a separação entre os falares do Norte e os do Sul do país”<sup>7</sup>. Embora Nascentes (1953) tenha levantado que a diatopia é um aspecto importante para a realização da vogal pretônica, outros estudos demonstram que elementos estruturais internos da língua influenciam no *alçamento* ou *abaixamento* dessa vogal. Questionamentos sobre se são os aspectos linguísticos ou extralinguísticos que determinam a forma como a vogal média em posição pretônica será realizada ainda são retomados, buscando maior precisão no quadro teórico acerca dessas vogais.

Embora se possam listar exaustivamente os estudos de caráter dialetal acerca das vogais médias pretônicas, destacam-se, nesta pesquisa, alguns estudos na Região Norte do Brasil.

Razky, Lima e Oliveira (2012) verificaram o comportamento das vogais médias em posição pretônica em 10 localidades do *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA*. Os autores constataram a predominância da realização fechada dessas vogais. No entanto, destacam que, nas localidades que sofreram fluxo migratório de nordestinos mais intensificado, houve

---

<sup>7</sup> Nascentes (1953) propôs a divisão dos dialetos brasileiros em Norte e Sul. O autor subdividiu esses dois grupos em subfalares: *subfalar amazônico*, *nordestino*, *baiano*, *fluminense*, *mineiro* e *sulista*. Para ele, a realização das vogais pretônicas de forma mais aberta caracterizaria o dialeto do Norte, ao passo que a realização mais fechada dessa vogal caracterizaria o dialeto do Sul.

maior frequência de vogais abertas. As variáveis sociais não foram determinantes na escolha da altura das vogais pretônicas.

Tomando como base as cartas fonéticas do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* e do *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA*, Brandão e Cruz (2005) levantaram resultados percentuais, a fim de comparar os dados sobre as vogais médias pretônicas em ambos os atlas. Para a vogal média anterior, os resultados mostraram que, no Amazonas, há maior frequência de realização de vogais fechadas, enquanto que, no Pará, há predominância de vogais abertas. O *alçamento* ocorre com maior incidência em ambos os atlas quando a vogal pretônica inicia o vocábulo. Para a vogal média posterior, a tendência é de realização fechada em ambos os atlas. O *alçamento* dessa vogal ocorre majoritariamente em contexto de hiato.

Dias (2012), ao estudar as vogais médias em posição pretônica nas capitais do ALiB/Norte, identificou maior número de ocorrência de *manutenção* tanto da vogal anterior /o/ quanto da vogal posterior /o/. O autor propôs uma divisão entre /o/ e /o/, embora os fenômenos que ocorrem em ambas as vogais fossem os mesmos (*abaixamento*, *alçamento* e *manutenção*). Essa divisão se justifica pelo fato de que os fatores linguísticos que favorecem esses fenômenos não são os mesmos para /o/ e /o/. Dias (2012) afirma que, quando a vogal tônica é alta, há maior tendência de ocorrer *alçamento* na pretônica, bem como a vogal tônica baixa influi no *abaixamento* da pretônica. A variação diasssexual apontou que os homens utilizam mais o *alçamento* da pretônica, enquanto as mulheres abaixam ou mantêm a vogal. A variação diageracional mostrou que os mais velhos têm mais propensão a alçar a vogal pretônica, enquanto os mais novos a mantêm. Quanto à escolaridade, os mais escolarizados tendem a manter a vogal, ao passo que, entre os menos escolarizados, a tendência de *alçamento* é maior. No que concerne ao fator diatópico, o *alçamento* se concentrou na parte setentrional da região Norte (Belém e Macapá), enquanto que o *abaixamento* da pretônica ocorreu predominantemente na parte meridional nortista (Rio Branco, Porto Velho e Manaus).

O que se nota, a partir dos estudos dialetais levantados, é que, na Região Norte, há uma tendência de realização fechada das vogais médias

/o/ e /o/ em posição pretônica, seguida do *alçamento* em [i] e [u] dessas vogais. Esse resultado demonstra que houve uma mudança linguística ao comparar esses resultados com as conclusões de Nascentes (1953), o qual assumia que as vogais abertas /ɛ/ e /ɔ/ seriam predominantes no grupo Norte, onde a região Norte estaria agrupada como *subfalar amazônico*.

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho segue uma orientação geossociolinguística. Baseia-se em uma investigação *in loco* elaborada pela equipe do projeto ALiRO<sup>8</sup> a partir de uma rede de pontos, uma amostra de informantes estratificados e um questionário fonético-fonológico. Os dados organizados em um banco de dados foram submetidos a uma análise geossocial conforme os aspectos metodológicos em seguida apresentados.

O *corpus* do ALiRO apresenta 62 informantes no total, dos quais 54 residem na zona rural do estado de Rondônia, os quais estão estratificados<sup>9</sup> em sexo (dois homens e duas mulheres) e faixa etária (dois informantes de 18 a 30 anos e dois informantes de 50 a 65 anos). No caso de Porto Velho, capital, tem-se 8 informantes estratificados em sexo (quatro homens e quatro mulheres), faixa etária (quatro informantes de 18 a 30 anos e quatro informantes de 50 a 65 anos) e escolaridade<sup>10</sup> (quatro informantes com ensino fundamental e quatro informantes com ensino superior).

A rede de pontos do ALiRO apresenta 16 pontos de inquérito, como mostra o *Quadro 1*.

---

<sup>8</sup> O Projeto ALiRO é coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Iara Maria Telles, tendo como consultor o Prof. Abdelhak Razky (UFPA/UnB/CNPq) e a Prof.<sup>a</sup> Vanderci Aguilera (UEL/CNPq)

<sup>9</sup> As estratificações dos informantes elencadas para a recolha de dados (faixa etária, sexo e escolaridade) seguem as variáveis definidas no Comitê Nacional do ALiB (2001), as quais buscam atender às possibilidades de uma melhor comparação entre usos de diferentes faixas etárias e, também, propiciar a análise da variação e da mudança linguística.

<sup>10</sup> Esse fator não foi controlado nesta pesquisa.

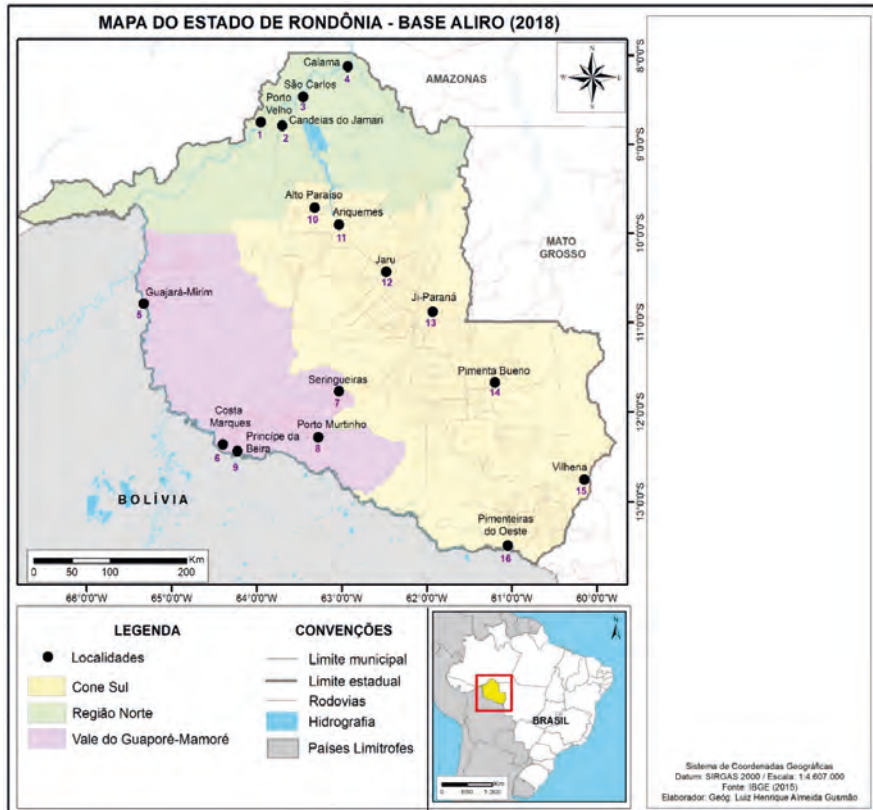
**Quadro 1:** Localidades investigadas

microrregiões <sup>11</sup>	numeração	município
Norte	01	Porto Velho
	02	Candeias
	03	São Carlos
	04	Calama
Vale do Guaporé-Mamoré	05	Guajará-Mirim
	06	Costa Marques
	07	Seringueiras
	08	Porto Murtinho
	09	Forte Príncipe da Beira
Cone Sul	10	Alto Paraíso
	11	Ariquemes
	12	Jaru
	13	Ji-Paraná
	14	Pimenta Bueno
	15	Vilhena
	16	Pimenteiras

<sup>11</sup> Denominou-se Região Norte a microrregião de Porto Velho, constituída por dois municípios e dois distritos: Porto Velho (PI 01), Candeias (PI 02), São Carlos (PI 03) e Calama (PI 04). Denominou-se Vale do Guaporé-Mamoré a microrregião de Guajará-Mirim, formada por cinco municípios: Guajará-Mirim (PI 05), Costa-Marques (PI 06), Seringueiras (PI 07), Porto Murtinho (PI 08) e Forte Príncipe da Beira (PI 09). Como a influência da colonização da Mesorregião do Leste Rondoniense foi, em sua maioria, da Região Sul do Brasil, denominou-se essa microrregião de Cone Sul, a qual comporta sete municípios: Alto Paraíso (PI 10), Ariquemes (PI 11), Jaru (PI 12), Ji-Paraná (PI 13), Pimenta Bueno (PI 14), Vilhena (PI 15) e Pimenteiras (PI 16).

Essas localidades estão distribuídas pelo território rondoniense em três microrregiões<sup>12</sup>, como mostra a *Figura 1*.

**Figura 1:** Carta base do ALiRO



<sup>12</sup> A fim de obter uma amostra representativa do dialeto rondoniense, adotou-se a divisão em três regiões (Região Norte, Vale do Guaporé-Mamoré e Cone Sul), considerando três pontos: os rios Madeira e Guaporé-Mamoré; duas Mesorregiões: do Madeira-Mamoré e do Leste Rondoniense; e as influências recebidas de imigrantes na colonização de Rondônia, de acordo com Silva (1984).

Quanto à recolha de dados do ALiRO, utilizou-se o Questionário Fonético-Fonológico (QFF)<sup>13</sup>, do qual se retiraram, para esta pesquisa, somente os itens que correspondem à vogal média /o/ em posição pretônica.

As respostas obtidas foram transcritas em planilhas estruturadas. A quantificação dos dados foi realizada com o auxílio do programa estatístico-computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para, em seguida, organizá-los em tabelas. O mapeamento linguístico foi realizado com o programa de edição de imagens bidimensionais *Adobe Photoshop CS6 Professional*.

Para a análise dos resultados obtidos de cada variável<sup>14</sup>, dividiu-se da seguinte forma: a) *dimensão diatópica*, que foi subdividida em *macroagrupamento*, *microagrupamento* e *nanoagrupamento*; b) *dimensão diastrática*, que foi subdividida em *sexo* e *faixa etária*; e c) *agrupamentos fonéticos*.

## 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise de dados apontou a presença de duas variantes envolvendo a vogal média pretônica /o/: o *alçamento* (/o/ > [u]) e a *manutenção*<sup>15</sup> em [o].

Para se chegar aos resultados analisados nesta seção, analisou-se seis itens lexicais para as realizações de /o/ pretônico, a saber: (022)

---

<sup>13</sup> O Questionário Fonético-Fonológico (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001) apresenta 159 itens distribuídos, dos quais se utilizou, para a vogal média anterior pretônica /e/, (002) Terreno, (003) Prateleira, (004) Televisão, (006) Tesoura, (008) Traveseiro, (011) Elétrico, (027) Fervendo, (049) Elefante, (067) Estrada, (069) Desvio, (074) Seguro, (081) Emprego, (084) Escola, (106) Mentira, (110) Perdão, (123) Ferida, (126) Desmaio, (144) Perfume, (150) Perdida, (152) Perguntar e (158) Esquerdo.

<sup>14</sup> Nesta pesquisa, consideraram-se apenas os fatores extralinguísticos (localidades, faixa etária e sexo).

<sup>15</sup> Considera-se, neste estudo, manutenção como sendo a forma invariável da vogal média posterior /o/ em posição pretônica, isto é, a vogal média-alta [o].



*Gordura*, (025) *Colher*, (037) *Bonito*, (122) *Joelho*, (148) *Dormindo* e (149) *Assobio*. No total, foram analisados 368 dados referentes à vogal média /o/ em contexto pretônico. O *Quadro 2* a seguir exemplifica as ocorrências das duas variantes encontradas para essa vogal.

**Quadro 2:** Realizações da vogal média /o/ pretônica

REALIZAÇÕES DA VOGAL MÉDIA /o/ PRETÔNICA			
Nº	ITEM	ALÇAMENTO	MANUTENÇÃO
022	Gordura	[gɔu' dɔrɐ]	[goɪ' dɔrɐ]
025	Colher	[ku' λɛ]	[ko' λɛ]
037	Bonito	[bu' ɲitɔ]	[bo' ɲitɔ]
122	Joelho	[ʒu' eλɔ]	[ʒo' eλɔ]
148	Dormindo	[duɪ' mĩdɔ]	[duɪ' mĩdɔ]
149	Assobio	[asu' biw]	[aso' viw]

Fonte: A partir dos dados do ALiRO

Os resultados apontaram a dimensão diatópica como fator importante para o uso de cada variante, demonstrando uma concentração pertinente de cada uma dessas variantes em uma das microrregiões elencadas para este estudo. Ademais, dentre os fatores diastráticos, o fator diageracional apresentou influência relativamente significativa, apontando o *alçamento* de /o/ como mais recorrente na fala dos mais velhos. Observou-se, ainda, que os informantes mais jovens tendem a manter invariável a vogal /o/ em posição pretônica. O fator diassexual mostrou uma baixa oscilação, apontando, no entanto, os informantes do sexo masculino como sendo os mais propensos a alçar a vogal /o/, ao

passo que as informantes do sexo feminino tendem a mantê-la. Dentre os contextos fonológicos analisados, a *altura da vogal tônica*, *peso silábico* e o *contexto fonológico posterior e anterior da vogal pretônica* se mostraram significativos para o processo de *alçamento* da vogal em análise. Esses e outros aspectos estão descritos e analisados nas seções que seguem.

## 4.1. DIMENSÃO DIATÓPICA

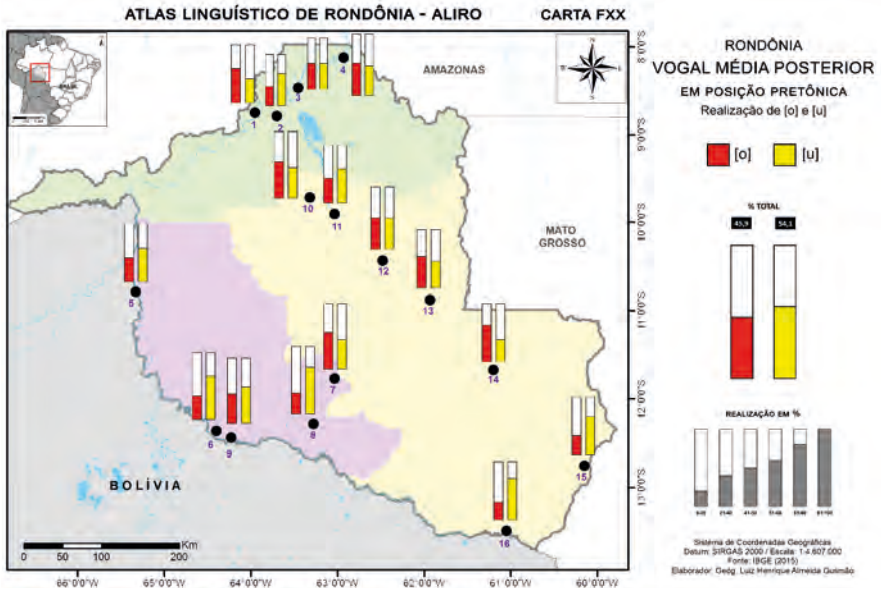
### 4.1.1. Macroagrupamento

Como mostra a *Figura 2*, há a predominância de *alçamento* da vogal média posterior em posição pretônica (54,1%) em todo o território rondoniense. No entanto, o índice de *manutenção* dessa vogal também foi elevado (45,9%). Na seção, as ocorrências por localidade foram minuciosamente detalhadas, podendo-se verificar a disposição tanto do *alçamento* quanto da *manutenção* nos municípios de Rondônia.

### 4.1.2. Microagrupamento

Como mostra a *Tabela 1*, há uma pequena oscilação nas frequências tanto do *alçamento* quanto da *manutenção* da vogal média posterior que merece outros estudos com dados mais robustos e um número mais elevado de informantes. No entanto, a maior frequência de *alçamento* foi registrada na microrregião do Vale do Guaporé-Mamoré (59,4%) e de *manutenção* foi mais presente na Região Norte (51,3%). As duas microrregiões constituem os dois maiores microagrupamentos dentro do contínuo dialetal de Rondônia.

**Figura 2:** Carta diatópica da vogal média posterior em posição pretônica (localidades)



Fonte: A partir dos dados do ALIRO

**Tabela 1:** Percentual da vogal média posterior em posição pretônica (microrregião)

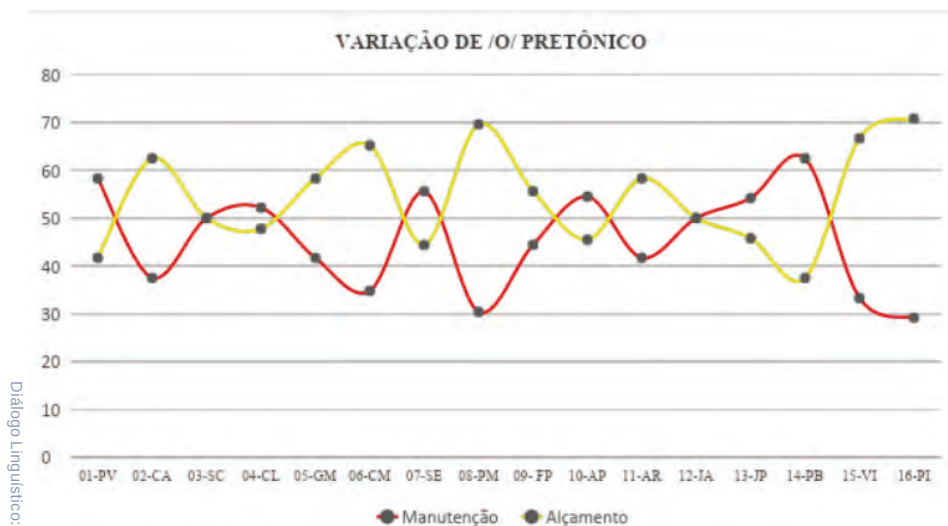
MICRORREGIÃO	ALÇAMENTO		MANUTENÇÃO	
	OCOR./TOTAL	%	OCOR./TOTAL	%
Norte	58/119	48,7	61/119	51,3
Guaporé-Mamoré	63/106	59,4	43/106	40,6
Cone Sul	78/143	54,5	65/143	45,5
Total	199/368	54,1	169/368	45,9

Fonte: A partir dos dados do ALIRO

### 4.1.3. Nanoagrupamento

Em Rondônia, o *alçamento* da vogal média posterior apresentou maior frequência total (54,1%) em relação à *manutenção* dessa vogal (45,9%). No entanto, sua distribuição entre os municípios rondonienses não ocorreu de forma homogênea. Como mostra o *Gráfico 2*, a maior frequência de *alçamento* ocorreu na microrregião do Vale do Guaporé-Mamoré e mais ao sul do Cone Sul. Todavia, com o auxílio do *Gráfico 2*, percebe-se uma forte concorrência entre ambas as variantes no território rondoniense como um todo, havendo grande diferença de frequência apenas em 06-Costa Marques, 08-Porto Murтинho, 15-Vilhena e 16-Pimenteiras que constituem nanoagrupamentos de mais de 30% de distância no contínuo dialetal de Rondônia.

**Gráfico 2:** Distribuição da variação do /o/ pretônico por localidade<sup>16</sup>



Fonte: A partir dos dados do ALIRO

<sup>16</sup> A numeração que consta na legenda do gráfico segue a mesma numeração do Quadro 1, no capítulo dos processos metodológicos.

Desse modo, como mostra a *Tabela 2*, o *alçamento* obteve maior frequência em 16-Pimenteiras (70,8%), a qual foi seguida por 08-Porto Murtinho (69,6%), 15-Vilhena (66,7%), 06-Costa Marques (65,2%) e 02-Candeias (62,5%). Ao passo que a *manutenção* dessa vogal ocorreu predominantemente em 14-Pimenta Bueno (62,5%), 01-Porto Velho (58,3%), 07-Seringueiras (55,6%), 10-Alto Paraíso (54,5%) e 13-Ji-Paraná (54,2%).

**Tabela 2:** Percentual da vogal média posterior em posição pretônica (localidades)

LOCALIDADE	ALÇAMENTO		MANUTENÇÃO	
	OCOR./ TOTAL	%	OCOR./ TOTAL	%
Porto Velho	20/48	41,7	28/48	58,3
Candeias	15/24	62,5	9/24	37,5
São Carlos	12/24	50	12/24	50
Calama	11/23	47,8	12/23	52,2
Guajará-Mirim	14/24	58,3	10/24	41,7
Costa Marques	15/23	65,2	8/23	34,8
Seringueiras	8/18	44,4	10/18	55,6
Porto Murtinho	16/23	69,6	7/23	30,4
Forte Príncipe da Beira	10/18	55,6	8/18	44,4
Alto Paraíso	5/11	45,5	6/11	54,5

LOCALIDADE	ALÇAMENTO		MANUTENÇÃO	
	OCOR./ TOTAL	%	OCOR./ TOTAL	%
Ariquemes	14/24	58,3	10/24	41,7
Jaru	6/12	50	6/12	50
Ji-Paraná	11/24	45,8	13/24	54,2
Pimenta Bueno	9/24	37,5	15/24	62,5
Vilhena	16/24	66,7	8/24	33,3
Pimenteiras	17/24	70,8	7/24	29,2
<b>Total</b>	<b>199/368</b>	<b>54,1</b>	<b>169/368</b>	<b>45,9</b>

Fonte: A partir dos dados do ALIRO

## 4.2. DIMENSÃO DIASTRÁTICA

### 4.2.1. Sexo

A variável sexo, assim como na vogal média anterior, não demonstrou ser determinante para a escolha das variantes encontradas. Todavia, como se nota na *Tabela 3*, os informantes do sexo masculino parecem optar com maior frequência pelo *alçamento* (56,8%) da vogal posterior em posição pretônica. As informantes do sexo feminino, por sua vez, conservam, com maior frequência, a vogal invariável (48,6%):

**Tabela 3:** Percentual da vogal média posterior em posição pretônica (sexo)

Sexo	Alçamento		Manutenção	
	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%
Masculino	105/185	56,8	80/185	43,2
Feminino	94/183	51,4	89/183	48,6
<b>Total</b>	<b>199/368</b>	<b>54,1</b>	<b>169/368</b>	<b>45,9</b>

Fonte: A partir dos dados do ALiRO

#### 4.2.2. Faixa Etária

A variação diageracional se fez presente nos dados levantados. Como mostra a *Tabela 4*, o índice de *manutenção* da vogal média posterior em posição pretônica foi mais frequente entre os informantes mais jovens (55,4%), ao passo que o *alçamento* dessa vogal foi mais recorrente na fala dos informantes mais velhos (65,7%).

**Tabela 4:** Percentual da vogal média posterior em posição pretônica (faixa etária)

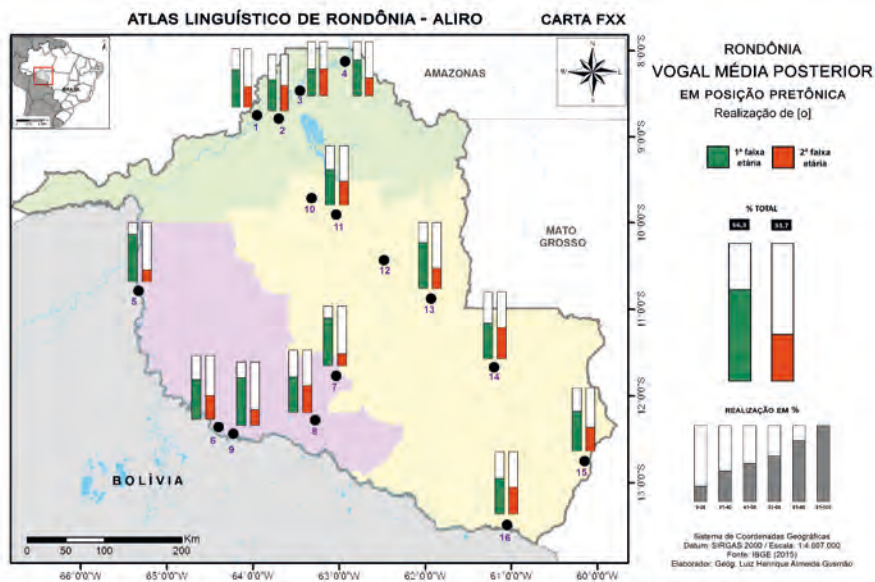
Faixa etária	Alçamento		Manutenção	
	Ocor./Total	%	Ocor./Total	%
1 <sup>a</sup>	90/202	44,6	112/202	55,4
2 <sup>a</sup>	109/166	65,7	57/166	34,3
<b>Total</b>	<b>199/368</b>	<b>54,1</b>	<b>169/368</b>	<b>45,9</b>

Fonte: A partir dos dados do ALiRO

A *Figura 3* demonstra que a *manutenção* da vogal média posterior foi predominante em todo o território rondoniense (66,3%) senão por 03-São Carlos em que a frequência de [o] foi igual para ambas as faixas etárias.

Diferentemente da *manutenção*, o *alçamento* foi mais recorrente entre os informantes mais velhos (54,8%). Como mostra a *Figura 4*, o *alçamento* foi predominante em todas as localidades estudadas à exceção de 09-Forte Príncipe da Beira e 03-São Carlos.

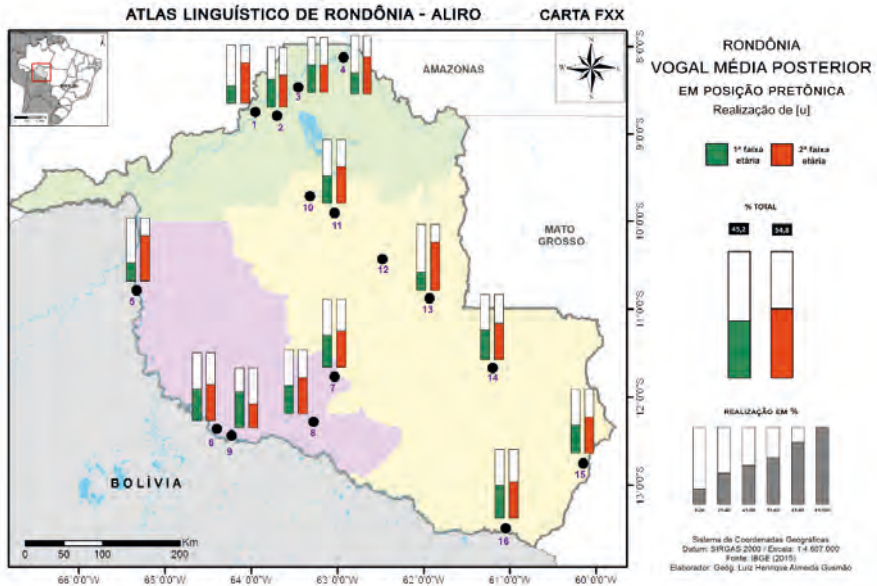
**Figura 3:** Carta diageracional da manutenção da vogal média posterior em posição pretônica



Fonte: A partir dos dados do ALIRO



**Figura 4:** Carta diageracional do a $\tilde{c}$ amento da vogal média posterior em posição pretônica



Fonte: A partir dos dados do ALIRO

### 4.3. COMPARAÇÃO DOS DADOS

Ao se fazer o levantamento acerca da vogal média posterior em posição pretônica nos atlas linguísticos dos estados nortistas, nota-se que a tendência maior é de realizar a vogal média [o], à exceção de Rondônia em que houve maior tendência de *a $\tilde{c}$ amento* em [u].

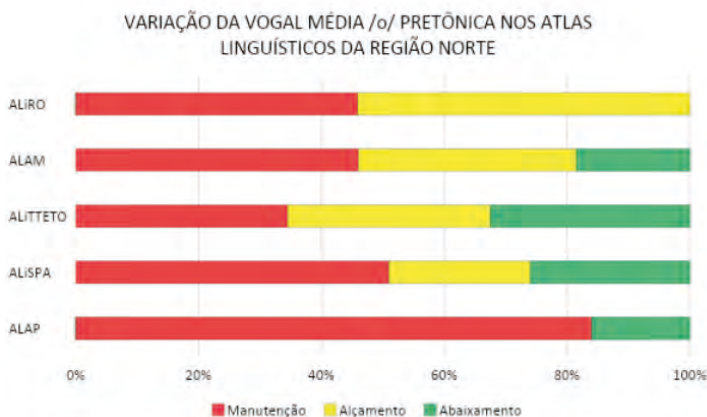
**Tabela 5:** Variação da vogal média /o/ em posição pretônica nos atlas linguísticos da Região Norte

	ALiRO	ALAM <sup>17</sup>	ALiTTETO	ALiSPA <sup>18</sup>	ALAP
Variantes	%	%	%	%	%
Abaixamento	0	18,35	32,5	26	16
Alçamento	54,1	35,20	33	23	0
Manutenção	45,9	45,65	34,5	51	84

Fonte: A partir dos dados do ALiRO, ALAM, ALiTTETO, ALiSPA e ALAP

Com o auxílio do *Gráfico 3*, é possível melhor visualizar os dados nos atlas estaduais da Região Norte e estabelecer comparações mais precisas, colocando, dessa forma, em evidência a diferença de distribuição de *abaixamento*, *alçamento* e *manutenção* entre os cinco estados nortistas analisados.

**Gráfico 3:** Variação da vogal média /o/ pretônica nos atlas linguísticos da Região Norte



Fonte: A partir dos dados do ALiRO, ALAM, ALiTTETO, ALiSPA e ALAP

<sup>17</sup> Dados retirados de Brandão e Cruz (2005).

<sup>18</sup> Dados retirados de Razky, Lima e Oliveira (2012).

Destarte, a *manutenção* da vogal média posterior alcançou índices de 84% no Amapá, 51% no Pará, 45,65% no Amazonas, 45,9% em Rondônia e 34,5% em Tocantins. Nesse último, embora o índice de *manutenção* da vogal tenha sido o maior, o *abaixamento* e o *alçamento* obtiveram frequência muito similares, o que põe em relevo uma concorrência linguística ainda muito acentuada no estado do Tocantins.

No que concerne o *alçamento*, Rondônia apresentou maior frequência de realização em [u], sendo 54,1% de realização dessa variante. Embora os estados do Amazonas, Tocantins e Pará tenham apresentado realização de *alçamento*, esses ficaram muito abaixo dos percentuais apresentados por Rondônia, apresentando índices de frequência de 35,20%, 33% e 23%, respectivamente. Amapá foi o único estado em que não houve realização de *alçamento* da vogal média em posição pretônica.

No que diz respeito ao *abaixamento*, observa-se uma baixa realização de [ɔ] em todos os estados nortistas analisados. No entanto, houve um percentual de 32,5% no Tocantins, seguido por 26% no Pará, 18,35% no Amazonas e 16% no Amapá. Rondônia foi o único estado que não apresentou realização de *abaixamento*.

Desse modo, nota-se que, quanto à vogal média posterior em posição pretônica, Rondônia apresenta um maior distanciamento dos demais estados da Região Norte, uma vez que apresentou índices mais altos de *alçamento* em relação aos demais estados. Ademais, foi também o único estado em que não houve realização da vogal média-baixa [ɔ]. Contudo, houve alto índice de realização da vogal média-alta [o] na fala de Rondônia, variante essa que predominou em todos os demais estados da região, aproximando, portanto, o português falado em Rondônia dos demais estados nortistas.

Ademais, o que se nota, a partir dos estudos dialetais levantados, é que, na Região Norte, há uma tendência de realização fechada das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, seguida do *alçamento* em [i] e [u] dessas vogais. Esse resultado demonstra que houve uma mudança linguística ao se comparar esses resultados com as conclusões de Nascentes (1953) apresentadas no início desta seção. O autor assumia que as vogais

abertas /ɛ/ e /ɔ/ seriam predominantes no grupo Norte, no qual a Região Norte estaria agrupada como *subfalar amazônico*, todavia os dados dos atlas linguísticos nortistas apontam para a predominância de vogais fechadas tanto de /e/ quanto de /o/.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito à vogal média posterior em posição pretônica, o fator diatópico pareceu não ser muito influente na distribuição da variação dessa vogal pelo território rondoniense, no entanto, no nível do nanoagrupamento, houve altos índices de *alçamento* em [u] em Vilhena e Pimenteiras, duas localidades geograficamente muito próximas. Todavia, a diatópica demonstrou que tanto o *alçamento* em [u] quanto a *manutenção* em [o] estão em forte concorrência no estado de Rondônia como um todo, embora o *alçamento* tenha ocorrido em maior frequência.

Quanto à variação diastrática, o fator diassexual não pareceu influenciar na escolha das variantes da vogal média posterior pretônica. No entanto, o fator diageracional demonstrou que, na fala dos mais velho, a *manutenção* em [o] tende a ocorrer com mais frequência, ao passo que o *alçamento* em [u] ocorreu mais na fala dos mais novos.

Quanto a comparação dos dados, o alto índice de *alçamento* em [u] da vogal média posterior em posição pretônica se mostrou ser um aspecto que distancia o falar de Rondônia dos demais estados da Região Norte, tendo em vista que a *manutenção* em [o] foi predominante em todos os demais atlas linguísticos nortistas. Outra característica que distancia Rondônia quanto a esse aspecto fonético-fonológico é a ausência da vogal aberta [ɔ], a qual também se fez presente em todos os atlas linguísticos analisados.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria. S. S. As vogais pretônicas no falar nordestino: os dados do ALiB. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN. *VI Congresso Internacional da ABRALIN – Anais*. João Pessoa, PB: Idéia– Editora, 2009, p. 2250-2258.

BESSA, José. *Atlas Linguístico do Ceará. Vol. I – Introdução, Vol.II – Cartogramas*. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro, 1981. Tese (Doutorado) – UFRJ.

BRANDÃO, Silvia.; CRUZ, M. L. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALiSPA. In: AGUILERA, Vanderci. (org.). *Ageolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

CALLOU, Diana.; LEITE, Y. *As vogais pretônicas no falar carioca. Estudos Lingüísticos e Literários* (5), Salvador: UFBA, 1986.

CÂMARA JR., Joaquim M. *Princípios de Lingüística Geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARDOSO, Susana. Geolinguística: ampliando fronteiras para o conhecimento do português do Brasil. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M.; LIMA, A. (orgs.). *Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 119-136.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CRUZ, Maria. L. *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

DIAS, Marcelo. *As vogais médias pretônicas nas capitais da região Norte do Brasil*. Pará, 2012. Dissertação (Mestrado) – UFPA.

GUY, Gregory R.; ZILLER, Ana M. S. *Sociolingüística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ISQUERDO, Aparecida.; ROMANO, Valter. *Discutindo a dimensão Sociolingüística do Projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes*. Alfa, São Paulo, v. 56, p. 891-916, 2012.

MOTA, Jacira. A.; CARDOSO, Susana. A. M. Sobre a Dialetolegia no Brasil. In.: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953

OLIVEIRA, Dercir. *ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007, p. 271.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, Abdelhak. (org.). *Atlas lingüístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. [CD-ROM]

RAZKY, Abdelhak. *A dimensão sociodialetoal do léxico no projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 16/2, p. 247-270, dez. 2013.

RAZKY, Abdelhak. *et. al. Atlas Lingüístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas Geo-sociolingüístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci Andrade (orgs.). *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998, p. 155-164.

RAZKY, Abdelhak. *Uma perspectiva geo-sociolingüística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. Dans Estudos Lingüísticos e Literários*. n. 41, Salvador, Programme de Pos-graduação en Langue et Culture, UFBA, 2010.

RAZKY, Abdelhak; LIMA, A.; OLIVEIRA, M. *As vogais médias pretônicas no falar paraense*. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/1, p. 293-310, jun. 2012.

RAZKY, Abdelhak; GUEDES, R. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA). In: CONTINI Michel e LAI Jean-Pierre. *La géographie linguistique au Brésil*. Geolinguistique. Grenoble: ELLUG, 2015, p.149-162.

RAZKY, Abdelhak; SANCHES, R. D. *Variação geossocial do item lexical 'riacho/córrego' nas capitais brasileiras*. GRAGOATÁ, v.21, n.40, p.70 - 89, 2016

RAZKY, Abdelhak; COIMBRA, D.; COSTA, E. O. *Variação léxico-semântica e agrupamento lexical do item cambalhota no Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA)*. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v.40, p. 151-169, 2017.

RAZKY, Abdelhak; TELLES, I. M.; COIMBRA, D. *Agrupamentos fonéticos da vogal média anterior /e/ em posição pretônica no Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO)*. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v.61, p. 1-19, 2019.

ROMANO, Valter. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. *SGVCLin: Software para geração e visualização de cartas linguísticas*. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

SANKOFF, David.; TAGLIAMONTE, Sali.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e da Cultura, 1963[1950].

SILVA, Amizael. *No rastro dos pioneiros: um pouco da história rondoniana*. Porto Velho: SEDUC, 1984.





## OS AUTORES

---

**Abdelhak Razky** é Professor Titular da UnB. Possui Doutorado em Linguística pelo Université de Toulouse Le Mirail, França, Pós doutorado na Univ. de Toulouse Le-Mirail e na Univ. de Paris 13.

**Adriana Cristina Cristianini** é docente da Univ. Fed. de Uberlândia., Doutora pela USP e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa.

**Clézio Roberto Gonçalves** é docente na Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Linguística pela USP, e pós-doutorado em Língua e Cultura pela UFBA.

**Diego Coimbra dos Santos** é docente externo pela UFPA e Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado “Forma Pará” pela SECTET. Mestre em Linguística pela UFPA.

**Eduardo Nakama** é graduado em Engenharia Eletrônica pelo ITA e em Letras-Japonês pela UnB. É servidor público do Ministério da Economia.

**Geanne Alves de Abreu Morato** é professora de Língua Japonesa e supervisora pedagógica do CIL de Sobradinho. É mestranda em Linguística Aplicada na UnB.

**Hélder Gomes Rodrigues** é professor de Língua Espanhola e atualmente é diretor do CIL Sobradinho. É mestre em Linguística Aplicada pela UnB.

**Irenilde Pereira dos Santos** é docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Livre-Docente em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

**Josane Moreira De Oliveira** é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ e pós-doutora em Língua e Cultura pela UFBA.

**Kazue Saito M. Barros** é Professora titular da UFPE, atua na Pós-graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK.

**Kyoko Sekino** é professora do curso de Letras Japonês do Instituto de Letras da UnB. É doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, especializando-se no Estudo da Tradução.

**Marcus Tanaka de Lira** é professor adjunto do curso de Letras-Japonês da UnB. É Doutor em Linguística pela UnB.

**Ricardo Rios Barreto Filho** é professor adjunto do Departamento de Letras da UFPE, na área de Ensino da Língua Inglesa. Possui doutorado em Linguística pela UFPE.

**Selma Sueli Santos Guimarães** é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU. É doutora em Linguística pela USP.

**Yuki Mukai** é Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da UnB. É Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

## Ocidente e Oriente

O diálogo pode ser caracterizado como uma atividade humana que tem sua origem na interação humana nos vários grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, é no espaço que, por meio da linguagem, brotam, circulam e se disseminam ideias.

**O Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente** é um livro que reúne textos escritos por pesquisadores que atuam também no ensino, do fundamental até o nível superior. Os capítulos reunidos são frutos de pesquisas aprofundadas sobre diversos aspectos de nossa língua (ocidente) e da língua japonesa (oriental).

O livro demonstra que as áreas de conhecimentos empíricos e teóricos sobre a linguagem podem se entrelaçar e ampliar os estudos com múltiplos olhares. Os novos consensos surgem, quando as “vozes”, em português e em japonês, orientam e direcionam na busca de novos paradigmas, construindo o saber e o fazer científicos.

A Comissão Organizadora agradece a todos os autores que nos confiaram os seus textos para a publicação.

Agradecemos ao Instituto de Letras e ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução pelo apoio e financiamento dessa obra no ano em que a presença da Língua Japonesa na UnB comemora quarenta anos. São quatro décadas de estudos profícuos sobre a língua japonesa os quais foram iniciados e sempre incentivados pela Profa. Dra. Alice Tamie Joko, posteriormente fundadora do curso de Licenciatura em Letras-Japonês, no ano de 1997.

ISBN 978-65-5846-143-2



9 786558 461432



Obra financiada pelo departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LETJ), do Instituto de Letras, por meio do edital IL/EDU 1º/2021.